

Sororoca não é peixe de rio, é peixe de mar.

Por Luiz Campos¹

Dois “cajueiros velhos” [Cleide Queiroz e Plínio Soares], sob uma luz terrosa, sem folhas, e estáticos expõe sem melindres e com ínfimas metáforas os seus corpos singulares com marcas de seu tempo, se apresentam em um silêncio profundo e preenchido de vida para o seu público. É assim que as duas únicas personagens iniciam o espetáculo *Mãos tremúlas*, com direção de Yara Novaes, texto de Victor Novoa e na aconchegante sede da Cia. Heliópolis de Teatro.

Aparentemente [e entenderemos mais adiante o porquê], a peça traça a história de um casal que, após perderem os seus trabalhos pelo avanço da idade, perceberem que só tem um ao outro e se unem para morarem juntos e viverem uma liberdade longe de amarras que a sociedade os impõe. Ela, uma costureira de teatro. Ele, um ajudante de cozinha. Entretanto, ao desenrolar da dramaturgia percebemos que estamos diante de uma imensidão oceânica.

O espetáculo, como uma espécie de sonho e realidade, revela não somente o encontro oportuno do casal e os tabus/preconceitos enfrentados quando se atinge a tal terceira idade, mas revelam também as perversidades do sistema capitalista em que estamos inseridos, onde o ser humano é um elemento de produção e consumo e com o avançar do tempo e as limitações naturais do corpo [muitas vezes em decorrência da exploração] são simplesmente descartadas. A peça ainda expõe, fruto do mesmo sistema, as aflições internas que as suas profissões marcaram, com uma riqueza de detalhes que nos fazem navegar facilmente por esse oceano poético.

Ainda no mesmo barco, o espetáculo com seus expedientes épicos, consegue abranger com inteligência, contextos históricos necessários que se entrelaçam com o drama vivido pelo casal. Como é o caso, por exemplo, das fotos apresentadas de pessoas negras assassinadas, protagonistas ou não de seu tempo [como Carlos Marighella], acompanhadas de anos tenebrosos como: 1964, 1968, 1969, 22 de abril [o tal “descobrimento”], e o ano de 2013 [início da incursão do golpe parlamentar de Dilma Rousseff]. Além de momentos emblemáticos como a figura importantíssima da atriz Ruth de Souza, o espetáculo *O imperador Jones* do Teatro Experimental do Negro (TEN), encabeçado por Abdias do Nascimento ou as histórias dos operários que construíram a rodovia Anchieta, o que levou inclusive ao crescimento da cidade de Cubatão. Tudo isso, não nos deixa esquecer, em momento algum, o triste país em que vivemos.

Mas toda essa inserção dramática, épica e histórica são conduzidas mar a dentro, com leveza, humor e muita seriedade. Ao som de Alcione, ao cheiro de

¹ Ator, diretor e pesquisador teatral. É integrante fundador da Cia. Los Puercos. Doutorando em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da UNESP e em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Teatro pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) e graduado em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes.

maresia [talvez da praia do José Menino] e as visões de viagens ao passado, presente e futuro, onde são revelados, ressignificados e, por diversas vezes, somos despejados e arrancados os nossos íntimos. *Mãos tremulas*, revela desejos, aflições, cansaços, solidões, miséria, ordens de despejos... Revela trajetórias e destinos árduos de uma totalidade periférica... Dos preconceitos, injustiças e inferiorização dos velhos e das velhas da nossa sociedade do presente e que estão fadadas não só ao esquecimento, mas ao seu cruel descarte.

Assistir ao *Mãos tremulas* foi estar de encontro com artistas potentes, conterrâneos caiçaras. Foi estar de volta ao mar e ter visto um pouco da imensidão das questões trazidas que parecem não ter fim, assim como o oceano. Por isso, afirmo, *Mãos tremulas* não é peixe de rio, é peixe de mar.